



Texto para Discussão 016 | 2022

Discussion Paper 016 | 2022

A expansão mongol no sistema-mundo afro- eurasiano: impactos institucionais sobre as civilizações eslavas orientais

Daniel Barreiros

Professor de História Econômica do Instituto de Economia da UFRJ

Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional da UFRJ

Professor do Programa de Pós-Graduação de História Comparada da UFRJ

daniel.barreiros@ie.ufrj.br

Gabriel Gonçalves Ribeiro

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional da UFRJ

gabriel.ribeiro@pepi.ie.ufrj.br

This paper can be downloaded without charge from

<https://www.ie.ufrj.br/publicacoes-j/textos-para-discussao.html>

A expansão mongol no sistema-mundo afro- eurasiano: impactos institucionais sobre as civilizações eslavas orientais

Maio, 2022

Daniel Barreiros

Professor de História Econômica do Instituto de Economia da UFRJ

Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional da UFRJ

Professor do Programa de Pós-Graduação de História Comparada da UFRJ

daniel.barreiros@ie.ufrj.br

Gabriel Gonçalves Ribeiro

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional da UFRJ

gabriel.ribeiro@pepi.ie.ufrj.br

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar as influências de longo prazo da invasão e do subsequente domínio mongol sobre as civilizações eslavas orientais do *Rus* kievano, corpo político existente entre o final do século IX e meados do século XIII em território que se estende por partes da Ucrânia, de Belarus e da Rússia contemporâneas. A influência da cultura política e administrativa mongol sobre essas populações pode ser observada em aspectos da formação estatal dos corpos políticos que sucederam o *Rus* de Kiev, nas formas de tributação, serviço militar, organização religiosa e política. Assume-se como marco de referência temporal o ano de 1240, que sinaliza a efetiva conquista do império nômade sobre os principados eslavos, e o de 1478, quando o Grão-Principado da Moscúvia conquista a cidade-estado de Novgorod e assegura sua hegemonia sobre toda a região até então sob pleno domínio mongol. A ascensão de Moscou como novo centro político regional foi precursora da formação do Czarado da Rússia em meados do século XVI, e do Império Russo no século XVIII.

Sustenta-se nesse estudo que a conquista mongol perturbou a conexão previamente estabelecida entre a civilização eslava oriental e o restante da Europa, ao estabelecer um enclave de pressão cultural e econômica muito mais intenso que a influência exercida por civilizações nômades que anteriormente circulavam pela Europa Oriental e Oriente Próximo. A diferença na intensidade é resultado da subjugação política imposta aos eslavos pelos mongóis, num contexto de alteração sistêmica com o aparecimento de um *hegemon* imperial conectado a um sistema sociopolítico diferente daquele outrora praticado na região. Esta subjugação estabeleceu uma relação de imposição política típica da forma de domínio empregada pelo Império Mongol, tornando tributários os povos eslavos. As resultantes alterações sociopolíticas foram adotadas de forma voluntária ou forçada, em ambos os casos transformando as culturas política e institucional. Tais novas formas de organização, então, permitiram uma estabilização da ordem política regional, até então marcada por intensa rivalidade entre os potentados do *Rus*, fosse através da transferência de “tecnologias sociais” pelo domínio mongol, fosse pela arbitragem da disputa entre poderes locais. Como resultado da soma entre estabilização política e configuração de poder, surgiu o Grão-Principado de Moscou e, dele, a Rússia.

O *Rus* kievano em meio ao sistema-mundo afro-eurasiano

Parte-se do conceito de sistema-mundo para a análise dessa dinâmica política no longo prazo, ressaltando como objeto de estudo a rede de interação entre sociedades como “unidade básica de análise para o estudo da transformação, sendo a arena na qual seus determinantes estão localizados” (GOLDFRANK, 2000, p. 166) ¹. Com base então na noção de sistema-mundo, tem-se que a civilização eslava oriental transitou entre diversas totalidades (ou sistemas), sendo atraída, repelida ou isolada de diversas civilizações vizinhas. Estes processos “magnéticos” oferecem uma interpretação útil, à luz da perspectiva sistêmica, para compreender os impactos do domínio mongol sobre a formação estatal eslava oriental e, posteriormente, russa.

Como afirma Bentley (1996, pp. 749-752), atentar para processos de interação interculturais configura uma forma adequada de estabelecer periodizações que não caiam em uma armadilha etnocêntrica, dando a oportunidade de identificar padrões de continuidade e alteração em escala macroterritorial. A expansão imperial ocorreu no que Bentley define como a era dos impérios nômades transregionais entre 1.000-1.500 EC (BENTLEY, 1998, pp. 239-241), permitindo a abertura e a intensificação de canais comerciais e diplomáticos entre povos outrora distantes, resultando em trocas e interações culturais e organizacionais patrocinadas por estes impérios nômades (BENTLEY, 1996, p. 766). A transformação que ocorreu no caso da civilização eslava oriental seria, se seguirmos os termos propostos pelo autor (BENTLEY, 1998, pp. 253-254), uma alteração cultural causada por grupos que influenciam determinados aspectos em uma dada população, e não por alterações de natureza étnica ou populacional. A relação que se observa aqui é a transformação causada pelos dominadores mongóis sobre as culturas política e institucional do *Rus* kievano.

Enquanto é reconhecida a importância do comércio de longa distância (BENTLEY, 1998, pp. 241-244) para as interações interculturais realizadas no período estudado, principalmente no que diz respeito à divisão do trabalho e aos usos sociais de bens de

¹Tradução dos autores.

luxo, o aspecto comercial está além do escopo deste artigo, que será dedicado aos impactos relacionados à formação e manutenção do Estado em nível institucional. As relações comerciais de longa distância, no entanto, serão retomadas em outros momentos do artigo para explicitar a peculiaridade da posição hierárquica da civilização eslava oriental dentro do sistema ao longo do período estudado.

Gills e Frank (1992, pp. 661-675) identificam períodos cíclicos de expansões e contrações sistêmicas, classificados respectivamente como fases A e B. No contexto das relações entre eslavos e mongóis, uma fase de expansão sistêmica durou aproximadamente de 1050 a 1250, e coincide com o período de conexão entre o *Rus* e o mundo bizantino. O período seguinte, a fase de contração sistêmica de 1250 a 1450, é marcado pela expansão do Império Mongol que, apesar de promover a *Pax Mongolica* entre os séculos XIII e XIV, resultou na destruição de diversos centros populacionais a ocidente. Dentre as regiões devastadas estava o território do *Rus* (GILLS; FRANK, 1992, p. 665), levando a um retrocesso econômico e à perda temporária do desenvolvimento comercial fruto do posicionamento único entre Constantinopla, Ásia Central, e os mares Negro e Báltico.

Abu-Lughod descreve a Eurásia do século XIII como formada por “uma série de subsistemas [baseados em cidades comerciais] interligados e sobrepostos” (ABU-LUGHOD, 1987, p. 10) ² e aponta para uma conexão entre os subsistemas do leste do Mediterrâneo e os do Oriente³. O *Rus* de Kiev encontrava-se na conexão entre o sistema do Mediterrâneo oriental, conectado com o Império Bizantino, e o da Ásia Central ocidental, conectado com as rotas da seda austrais (CHRISTIAN, 2000, pp. 18-21) e, depois, com a Horda de Ouro. Esta conexão é fragilizada a partir do século XIV, porém não destruída (FRANK, 1990, pp. 190-195). Além da Peste Negra, outro grande evento citado como causa para a fragilização da conexão entre os subsistemas do Mediterrâneo

² “If one were to describe the world system in 1250 one would have to say that it consisted of a series of interlinked and overlapping subsystems which at that moment were in rough balance”.

³ Abu-Lughod (1987, pp. 7-13) identifica dois subsistemas orientais conectados diretamente ao do Mediterrâneo do leste, centrado em Constantinopla. O primeiro é em torno de Bagdá e Cairo e circula a Península Arábica, alcançando o nordeste da África e o atual Irã. O outro é em torno de Bucara e Samarcanda, formado pela porção ocidental da Ásia Central, da Anatólia e da porção sudoeste da atual Rússia, entre os mares Negro e Cáspio. Ambos os subsistemas sobrepõem-se na Mesopotâmia.

e da Ásia Central é a crescente rivalidade entre os canatos sucessores do Império Mongol, desestruturando a *Pax Mongolica* (ABU-LUGHOD, 1987, p. 12) e tornando a passagem comercial terrestre entre Europa e Extremo Oriente economicamente menos atrativa que as passagens marítimas desenvolvidas no Oceano Índico. Pelos efeitos negativos sobre a população e a estabilidade política, o período de decadência com a fragmentação mongólica durante o século XIV pode ser caracterizado como produto de uma tendência secular de desintegração de Turchin, afetando as redes comerciais, diplomáticas e culturais de longa distância; da mesma forma, o período de florescimento indicado no século XIII por Abu-Lughod pode ser entendido no âmbito de uma tendência secular de integração (TURCHIN, 2008, p. 176-182).

A localização do *Rus* kievano, próximo ao encontro dos subsistemas do Mediterrâneo oriental e da Ásia Central ocidental, é bem descrita por Frank como parte do nexo logístico Dardanelos – Bósforo – Mar Negro, que conectava Constantinopla à Rota da Seda terrestre. Como nexo logístico, esta região “atraía o fluxo de migrantes e invasores e a atenção de poderes hegemônicos” (FRANK, 1990, p. 232)⁴. Considerando este nexo, a posição da civilização eslava oriental torna-se ainda mais significativa como ponto de conexão com as rotas entre os mares Negro e Báltico.

O *Rus* de Kiev encontrava-se numa extremidade ocidental das rotas da seda, conectando a Europa à Ásia pela grande estepe eurasiática, além de se configurar como ponte terrestre entre os mares Negro e Báltico. Apesar de esta posição geopolítica e geoeconômica ser propícia à formação de um centro sistêmico de poder (ABU-LUGHOD, 1987, p. 10), a falta de estabilidade política resultou na sujeição da civilização eslava oriental a poderes de maior centralidade no sistema.

Outras razões para esta falta de capacidade hegemônica de Kiev podem ser encontradas em aspectos demográficos e climáticos, responsáveis pelas possibilidades militares e econômicas, e o sistema de hereditariedade lateral que pulverizava o poder na região. O resultado foi uma alteração constante de centros de poder entre Kiev, Vladimir e Moscou,

⁴ “They were magnets which attracted the flow of migrants and invaders and the attention of hegemonic powers.”

alguns sendo herdeiros ou competidores, além de uma certa resiliência de Novgorod, mais isolada por sua posição próxima ao sistema de fluxos de mercadorias, pessoas e ideias centrado no Báltico. Será demonstrado como a resolução desta pulverização de poder esteve intimamente relacionada ao período de domínio mongol, tanto por alterações na cultura política eslava quanto por razões institucionais e técnicas.

A disputa pelo poder no Rus kievano e a expansão mongol

Durante o décimo século da Era Comum o *Rus* de Kiev ocupava, dentro da grande planície europeia oriental, toda a atual Belarus, a porção norte da Ucrânia e noroeste da Rússia europeia. Entre os séculos X e XII, suas fronteiras encontravam a civilização polonesa a oeste, a húngara a sudoeste, os búlgaros do Volga a leste e, ao sul, os nômades quipchacos (cumanos) que viviam nas estepes pânticas além das zonas florestais da grande planície (BUSHKOVITCH, 2012, pp. 1-6.). Por razões geográficas, culturais, religiosas e linguísticas, os povos desta região serão agrupados neste artigo sob a expressão “eslavos orientais”.

Com o título de príncipe de Kiev sendo controlado ou disputado por membros da dinastia Rurikovitch (ou Ruríquida), a organização social do *Rus* de Kiev aproximava-se não de um Estado centralizado, mas de diversas cidades e corpos políticos tribais que ocupavam a região e eram tributados pelo principado mais poderoso, o de Kiev. Essas tribos, cidades-estado e fortalezas eram governadas diretamente por boiardos locais (nobres senhores de terras) descendentes da dinastia Ruríquida ou por meio de conselhos municipais chamados *veche*⁵, nos quais os boiardos também tinham grande influência. A rica cidade mercantil de Novgorod era tradicionalmente governada por um dos filhos do príncipe de Kiev, que recebia o título de *posadnik*, até que em 1136 os membros do

⁵ Conhecido como “*veche*” (бече), era uma tradicional forma de conselho municipal democrático nas cidades eslavas orientais (HOSSEINI, 2005, p. 10-11).

conselho municipal de Novgorod expulsaram o príncipe e elegeram um *posadnik* próprio (HOSSEINI, 2005, pp. 12-14).

O aspecto religioso sofreu uma transformação iniciada ao fim do décimo século, com a conversão do príncipe Vladimir ao cristianismo grego (HOSSEINI, 2005, pp. 7-9) e a organização do centro eclesiástico de Kiev, cujos metropolitas⁶ variavam entre sacerdotes bizantinos e eslavos nativos. Seguindo a tradição do cristianismo grego, houve também a construção do primeiro monastério cristão eslavo na década de 1050 durante o governo do príncipe Jaroslau I. Pela prática da liturgia vernacular, o cristianismo grego (posteriormente, ortodoxo) intensificou a necessidade de tradução da Bíblia para o idioma eslavo e, conseqüentemente, incentivou o uso do alfabeto cirílico, criado para o mesmo objetivo no século anterior. A influência política e social da Igreja Ortodoxa, com seu centro eclesiástico em Kiev, a tradição monástica e o incentivo ao uso do alfabeto cirílico são fatores significativos para a formação e expansão estatal eslava, e que seriam afetados pelo domínio mongol.

Entre os séculos X e XII, o principado de Kiev passou por períodos de estabilidade, como o de Jaroslau I, o Sábio, e guerras civis, geralmente causadas por disputas entre os príncipes herdeiros devido ao sistema de hereditariedade lateral, no qual o reino é dividido entre os filhos aptos. O principado de Kiev passou por certa decadência após meados do século XII e perdeu poder progressivamente, com cidades ao norte como Vladimir, Smolensk e Novgorod tornando-se mais poderosas e independentes de fato. Ao fim do século XII, Kiev era em grande medida apenas um símbolo político e um centro eclesiástico, tendo o principado de Vladimir tornando-se o mais poderoso e cujo príncipe tinha, de fato, a preponderância sobre a região. Os conflitos externos mais recorrentes se davam contra os nômades quipchacos (ou cumanos) ao sul.

Enquanto isso, Temujin já havia unificado as tribos mongóis em 1206 e se tornado Gengis Khan, conquistando a China da dinastia Jin e boa parte da Ásia Central. Houve uma escaramuça exploratória entre as forças mongóis e eslavas na batalha do rio Kolka, em 1223, com vitória mongol, seguida de retirada. Com a morte de Gengis Khan, em 1227,

⁶ Designação de liderança eclesiástica em igrejas cristãs orientais. Equivalente ao arcebispo.

a porção do Império a oeste do Volga foi concedida a seu filho mais velho, Jochi, de acordo com o sistema de hereditariedade lateral (BURBANK e COOPER, 2019, p.145). O domínio de Jochi viria a ser conhecido como Canato Quipchaco, em alusão aos povos que ocupavam a região diretamente ao norte do Mar Negro antes da invasão mongol, e viria a se tornar a Horda de Ouro.

A real expansão do império sobre os territórios eslavos veio com o neto de Gengis Khan, filho de Jochi, chamado Batu. Sob comando do grande cã Oguedei (WITTFOGEL, 1963, p. 635), iniciou a invasão em 1237 ao atacar o principado independente de Ryazan (ÇIÇEK, 2016, p. 95-96). O Império Mongol havia derrotado e subjugado os búlgaros do Volga no ano anterior. Seguindo a conquista de Ryazan, foi realizada uma campanha durante o inverno de 1237 a 1238, na qual conquistaram o principado de Vladimir, o mais forte à época e trono do grão-príncipe de fato. Segundo Riasanovsky (1984, p. 68 apud ÇIÇEK, 2016, p. 96), essa foi a única invasão bem-sucedida no território russo durante o inverno. Em 1240, a porção mais poderosa do *Rus* havia sido derrotada, com a destruição completa de Kiev no mesmo ano e o estabelecimento da força mongol de Batu Khan na capital do canato, Sarai, ao norte do mar Cáspio.

Até 1242 foram realizadas campanhas adicionais ao norte para subjugar as cidades restantes⁷. Em 1259, o Império Mongol fragmentou-se devido à morte de Möngke Khan, que não deixou herdeiros que pudessem ocupar a posição de Grande Cã. Com a ausência de um possível novo líder superior, o império foi dividido em quatro canatos herdeiros independentes, com a Horda de Ouro de Batu Khan sendo responsável pela região noroeste, onde se encontrava a civilização eslava oriental. Esta Horda contaria com divisões internas, assim como o Império Mongol e, no futuro, seria dividida novamente entre o Canato da Crimeia (1441-1783) e a Grande Horda (~1450-1502). Esta última, posteriormente, também seria fragmentada entre o canato de Kazan (1438-1552) e o canato de Astracã (1466-1556). Todos eventualmente acabariam sendo dominados pela Rússia moscovita.

⁷ ÇIÇEK, 2016, p. 96.

Instituições mongóis nas regiões ocupadas

Como afirmam Burbank e Cooper (2019, p. 148), uma das principais vantagens da administração mongol era sua capacidade de adaptação e adoção de técnicas úteis de outros povos, como o sistema de escrita uigur e a realização de censos e cadastramento da população. Além da alta capacidade de adaptação, tanto a tolerância típica do tengriismo quando a adoção de elementos administrativos e de poder eurasiáticos auxiliaram na manutenção do império.

A organização pública era um elemento necessário para a tributação em larga escala; um corpo de agentes civis (OSTROWSKI, 1998, p. 273), designados por “*daruga*”⁸ era formado por nativos ou indivíduos trazidos de outras regiões, escolhidos para coletar os impostos e tratar da administração geral (BURBANK e COOPER, 2019, p. 149). A hierarquia ia dos agentes sedentários, passando pelos chefes tribais seminômades e era garantida pelos oficiais militares de alto-escalão, com a designação de “*basqaq*”, posição reservada aos mongóis. O papel da tributação organizada e eficiente do Império Mongol era, primeiramente, o de manter a lealdade dos chefes tribais, garantindo uma coesão hierárquica em escala imperial e gerando uma capacidade ampliada de mobilização militar na lógica tribal a partir da subjugação de outros grupos e da manutenção de suas lealdades perante a tribo ou família principal, do Grande Cã. Enquanto os *darugi* tratavam dos povos que se sujeitaram aos mongóis sem resistência ou que já estavam pacificados, os *basqaqi* realizavam a pacificação, subjugavam os povos, coordenavam o recrutamento de populações locais e fiscalizavam os líderes nas áreas que ainda demonstravam resistência (MARTIN, 2007, p. 150).

Ainda em relação à tributação, a isenção de impostos era garantida através dos títulos conhecidos como “*iarlyk*” (OSTROWSKI, 1998, p. 19), por vezes citados como “*darqan jarliqs*” (ATWOOD, 2004, pp. 241-242), conferidos geralmente a mercadores e aristocratas aliados dos mongóis e a instituições religiosas que rezassem pelo cã e sua família. Esta isenção garantia o apoio institucional e religioso e também era oferecida a

⁸ *Daruga* e *basqaq* são as versões no singular; *darugi* e *basqaqi*, no plural.

Estados tributários ou vassallos que mostravam-se confiáveis e que apoiavam o controle mongol (ATWOOD, 2004, pp. 254-255).

A transmissão de mensagens tomou proveito da típica mobilidade mongol com o estabelecimento do *yam*, sistema de postos que ofereciam segurança para mercadores e cavalos para mensageiros oficiais, permitindo que percorressem até 320 km em um dia (BURBANK e COOPER, 2019, p. 151). Tal mobilidade, aliada às técnicas administrativas uígures e chinesas, tornava viável a realização de censos populacionais que forneciam informações e organização para tributação e levantamento de tropas. A partir do censo, era aplicado um sistema decimal no qual líderes regionais eram titulados com o controle de unidades de centenas a dezenas de milhares (BURBANK e COOPER, 2019, p. 148).

O interesse inicial do Império Mongol em censos de larga escala veio da discussão (ALLSEN, 1981, p. 33-35) sobre o destino da porção norte da China por volta de 1234, durante o império de Oguedei Khan, na qual membros mongóis da corte defendiam a remoção da população e a transformação da região em pastos, enquanto os assessores chineses, particularmente Yeh-lu Ch'u-ts'ai, argumentavam pela adoção de um programa de tributação que, para ser eficiente e gerar as riquezas prometidas, dependia da realização de um novo censo, de acordo com a administração chinesa tradicional, já que o último havia sido realizado em 1206. Oguedei Khan optou pelo programa de censo e tributação defendido por Yeh-lu, o que rendeu bom retorno ao tesouro imperial. Assim, passou a ser do interesse de Oguedei e dos cãs seguintes a realização de censos para tornar a tributação e a requisição de tropas mais eficientes.

Impactos específicos sobre os eslavos orientais

A derrota do principado de Vladimir e a destruição de Kiev resultaram na sujeição completa dos povos integrantes do *Rus* kievano ao Império Mongol e, com a partição do império, à Horda Dourada. As transformações subsequentes afetaram vários aspectos da civilização eslava, assim como a formação e a organização dos Estados da região: equilíbrio e distribuição de poder entre as instituições, formas de governo, tributação,

infraestrutura e integração territorial, além de influências sobre a manutenção de idioma e religião relativamente isolados em relação ao restante do mundo europeu.

O domínio mongol era heterogêneo. As porções territoriais eslavas ao sul e ao nordeste, como Kiev, Vladimir e Moscou, encontravam-se sob um controle mais intenso, enquanto regiões mais distantes sofriam um controle mais brando, como Novgorod. O cã tinha poder de veto nas decisões políticas e controle sobre as sucessões dos príncipes, cuja presença era solicitada a Sarai ⁹ anualmente para a entrega dos tributos (ÇIÇEK, 2016, pp. 96-97). Agentes administrativos civis, *darugi*, eslavos ou estrangeiros eram comissionados em comando de regiões e povoados, contribuindo para o desaparecimento do *veche*, o conselho municipal tradicional (ÇIÇEK, 2016, p. 104).

O primeiro elemento administrativo mongol a ser aplicado sobre os territórios do *Rus* kievano pós-conquista, além dos *darugi* e *basqaqi*, foram os censos. O primeiro foi ordenado por Batu Khan, responsável pelo Canato Quipchaco, em 1245. O seguinte, como afirma Allsen, foi provavelmente ordenado pelo grande cã Guyuk, em 1247. Estes censos, no entanto, foram limitados tanto pela instabilidade política mongol, com o reinado de Guyuk Khan sendo curto, conturbado e infrutífero, quanto pela desordem nos territórios eslavos (ALLSEN, 1981, pp. 36-41).

A estabilização política no Império Mongol veio com a ascensão de Mongke Khan, apoiado por Batu. Mongke Khan ordenou a realização de um censo por todo o império em 1252, com o objetivo de levantar exércitos para campanhas em outras regiões da Eurásia. A porção relativa ao território eslavo do censo foi preparada entre 1253 e 1254, e realizada entre 1257 e 1260. Nesta época, a porção da Horda de Ouro a oeste do Volga foi designada à administração de Sartagh, filho de Batu. Com a morte de Batu, em 1255, e de Sartagh logo em seguida, durante deslocamento entre Caracorum e o Volga, o trono ficou vago. Foi escolhido o filho seguinte de Batu, Ulaghchi, apontado como sucessor ao trono da Horda de Ouro por Mongke Khan; ele continuou a realização de censos e o

⁹ Capital da Horda Dourada, no Volga.

cadastramento de principados, com o de Vladimir sendo um dos primeiros (ALLSEN, 1981, p. 41).

A realização de censos era, por vezes, vista com hostilidade pelas populações locais, com os príncipes e nobres tendo de oferecer proteção aos agentes administrativos mongóis, como ocorreu durante o censo de Novgorod em 1259. Assim, a participação de líderes eslavos era comum durante a realização de censos pelos agentes enviados pelos mongóis. O censo acabou tornando-se técnica adotada pelos próprios governantes eslavos: há relatos de um embaixador germânico chamado Sigismund von Herberstein, que, em viagem entre os anos de 1518 e 1526, teria testemunhado o fato de o príncipe de Moscou realizar censos a cada dois ou três anos, enquanto os países da Europa Ocidental só viriam a aplicar este método séculos mais tarde, na vigência de estados absolutistas. O mesmo diplomata germânico descreveu o uso do sistema de entrepostos, o *yam*, com a disponibilidade constante de cavalos para mercadores e mensageiros oficiais (WITTFOGEL, 1963, pp. 638-640).

Com a destruição de Kiev em 1240 e os constantes saques por toda a região, a porção sul do que era o *Rus*, na fronteira entre as regiões de florestas setentrionais e as estepes pânticas meridionais, passou por decadência significativa. O centro eclesiástico da Igreja Ortodoxa nos territórios eslavos foi transferido de Kiev para Vladimir pelo metropolita Maxim no ano de 1299. Em 1322, o centro eclesiástico ortodoxo foi novamente transferido, dessa vez para Moscou, por instrução do metropolita Petr (HOSKING, 2001, p. 72). Esse fato, aliado à imunidade tributária concedida à Igreja Ortodoxa pelos mongóis, auxiliou no acúmulo de riquezas e influência em Moscou (HOSSEINI, 2005, p. 6).

Com a prática comum de concessão do *iarlyk* a entidades religiosas, a Igreja Ortodoxa e o clero eram isentos de tributos e do serviço militar (ÇIÇEK, 2016, p. 102). Pela forma de domínio indireto¹⁰ que foi exercido (WITTFOGEL, 1963, p. 634), as características

¹⁰ “Indireto” no sentido de que os mongóis controlavam os eslavos através de intermediários, num sistema típico de Estados tributários sob a ameaça de invasões punitivas. Como não houve anexação e ocupação de fato, estruturas culturais eslavas foram mantidas relativamente preservadas.

culturais do cristianismo ortodoxo não foram tão afetadas. O período do domínio mongol, na verdade, foi de florescimento cultural e religioso, com grandes esforços para adotar e desenvolver técnicas artísticas nas igrejas e nos mosteiros ortodoxos. A presença de uma Igreja mais forte e com herança cultural preservada assegurou o desenvolvimento do alfabeto cirílico e de certa homogeneidade linguística, apesar de algumas influências vindas dos povos túrquicos (HOSSEINI, 2005, pp. 4-8). A conversão da Horda de Ouro ao Islã no século XIV intensificou o contraste com os autóctones, que mantinham a herança ortodoxa bizantina, desenvolvendo laços internos mais fortes em questões de costumes, percepções de mundo, religião, cultura e consciência coletiva (ÇIÇEK, 2016, p. 102-103).

A tributação e o envio de tropas locais para servir aos mongóis eram fiscalizados por *darugi* e *basqaqi* (HOSSEINI, 2005, p. 10) de acordo com a lógica anteriormente descrita. Segundo Allsen (1981, p. 41), Mongke Khan selecionou um mongol chamado Kitai para o cargo de *darugi* dos territórios relativos ao *Rus* kievano e à Alânia (atual Ciscaucásia) na época em que foram realizados certos censos. Além dos *basqaqi*, determinados líderes eslavos também lidavam com revoltosos para provar sua fidelidade ao cã. Em 1327, o principado de Tver foi palco de uma revolta popular contra a Horda de Ouro, o que deu oportunidade ao príncipe Ivan I de Moscou de reunir um exército com contingentes eslavos e mongóis e derrotar a rebelião. A recompensa por sua lealdade foi a isenção de impostos através de um *iarlyk*, resultando num aumento considerável de seu poder econômico a partir do ano seguinte.

A derrota de Tver em 1327 foi oportuna, pois os príncipes de Moscou já estavam em disputa contra os de tverenses desde 1304 pelo trono do principado de Vladimir, que também foi conquistado por Moscou em 1328 (BUSHKOVITCH, 2012, p. 22-23). Além disso, o principado de Moscou conquistava e absorvia povoados próximos que não cumpriam com suas obrigações tributárias junto ao cã. Sendo assim, no início da década de 1330, Moscou já havia tomado os dois outros principados rivais na região nordeste do que era o *Rus*, nomeadamente Tver e Vladimir, consolidando seu poder durante as décadas seguintes. Este foi o ponto inicial da ascensão de Moscou dentro no sistema de poder regional sob o domínio mongol (ÇIÇEK, 2016, p. 101), seguido da transformação

de Moscou num centro econômico e político através das boas relações entre os príncipes e os cãs, e da presença do centro eclesiástico ortodoxo.

Eventualmente, o sistema de hereditariedade de Moscou foi alterado para uma forma linear em que a cada príncipe moscovita foi garantida a posição de representante local do poder estatal da Horda de Ouro. O aumento considerável das capacidades econômica, política e populacional de Moscou, causado pela transferência do centro eclesiástico ortodoxo, pela concessão do *iarlyk* aos príncipes moscovitas e pela expansão militar sob tutela mongol, resultou no início daquilo que Wittfogel¹¹ chama da “transformação [da Rússia] de uma sociedade agrária multicentrada numa ordem agroadministrativa unicentrada”.

A decadência das hordas mongóis ocorreu entre os séculos XIV e XVI, como identificado por Abu-Lughod (1987, p. 12). Entre as décadas de 1350 e 1370, a Grande Horda passou por conflitos internos e pelas derrotas contra poloneses e lituanos que expandiam seus reinos, interessados nas rotas comerciais dos mares Negro e Báltico (MARTIN, 2007, p. 205-206; 222). Além disso, a pandemia de peste bubônica entre as décadas de 1340 e 1360 também afetou os territórios eslavos. Na Batalha de Kulikovo (ÇIÇEK, 2016, p. 97), ocorrida no ano de 1380, os mongóis da Horda de Ouro foram derrotados pelo príncipe Dimitri de Moscou. Apesar disso, Moscou foi destruída por Tokhtamysh Khan em 1382. A derrota em Kulikovo, no entanto, foi sinalização da decadência do poder da Horda, seguida da decadência dos canatos sucessores observada no século XVI. Enquanto Moscou se recuperava da destruição, o ducado da Lituânia tirou proveito da crescente fragmentação da Horda, avançando para o leste (MARTIN, 2007, p. 239).

Na década de 1430, a Horda de Ouro se fragmentou entre o Canato da Criméia e a Grande Horda, que governava o resto das estepes, da Europa à Ásia Central (BUSHKOVITCH, 2012, p. 37). Ao longo dos séculos XV e XVI, a dinastia de Moscou, que também tinha domínio sobre Vladimir e outros principados, alterou sua ordem hereditária para linear, resultando numa queda do poder político de familiares laterais. Ocorreu a concentração

¹¹ “(...) transformation of a multicentered agrarian society into a single-centered agromanagement order (...)” (WITTFOGEL, 1963, p. 635, tradução nossa).

do poder em Moscou, através de conflitos internos e guerras civis (MARTIN, 2007, p. 246-280).

Ainda com os povos eslavos oficialmente sob o domínio mongol, o Grão-Principado de Moscou conquista Novgorod em 1478 (BUSHKOVITCH, 2012, p. 37), com a remoção simbólica do sino que tinha a marca do *veche*, que garantia a independência da cidade (MARTIN, 2007, p. 280). Em 1480, o príncipe Ivan III, o mesmo que conquistou Novgorod, rejeita a autoridade dos mongóis (ÇIÇEK, 2016, p. 97) e parte com seu exército para encontrar as tropas da Grande Horda no rio Ugrá. Após dias sem confronto, ambos os exércitos recuaram, evento que marcou o fim do domínio mongol, com o grão-príncipe Ivan III passando a declarar-se como “o senhor de todos os *rus*” (BUSHKOVITCH, 2012, p. 43). Em 1482, Ivan III conquista Tver, um dos últimos principados independentes da região, então sob controle de outro membro da dinastia. Enquanto Moscou se expandia rapidamente e de forma centralizada, os administradores lançavam mão de ideias e técnicas bizantinas, mongóis e propriamente eslavas para lidar com os desafios da nova realidade política. As novas instituições desenvolvidas nos reinados de Ivan III e de seu filho, Vasily III, tinham semelhanças claras com as dos mongóis, porém com aspectos culturais e ritualísticos do cristianismo ortodoxo bizantino, resultando na forma de governar russa (MARTIN, 2007, p. 298; 313-314). Quanto aos canatos sucessores, foram conquistados ao longo dos séculos seguintes: o de Kazan em 1552, o de Astracã em 1556 e o da Crimeia em 1783 (ÇIÇEK, 2016, p. 97).

Considerações finais

Wittfogel menciona a disparidade entre sistemas administrativos do Grão-Principado de Moscou e dos domínios feudais da Europa Ocidental, contemporâneos entre si. Partindo das observações de Kliuchevsky, Wittfogel (1963, p. 628-631) cita, no caso eslavo, a hierarquia vertical mais clara entre mestre e súdito e o contrato social no qual o súdito recebia terras em troca da oferta de “seus serviços ilimitados e incondicionais” ao mestre. Em contraste, no Ocidente, o sistema feudal determinava uma hierarquia entre senhores e vassallos na qual as terras eram recompensadas com serviços “condicionais e limitados” por parte dos vassallos. O mesmo autor cita a percepção de Chaadayev de que a

organização do poder russo era fundada no que chamava de “escola mongol”, enquanto Kovalevsky, historiador econômico, ressaltava a adoção pelos russos do sistema de serviço militar utilizado pelos “canatos tártaros” (mongóis).

Wittfogel afirma que a organização eslava se assemelhava ao que entende por “despotismo oriental”, praticado em sociedades não europeias, e designa a Rússia como uma “sociedade agroadministrativa não hidráulica”, sugerindo aqui a semelhança entre aspectos institucionais próprios do estado russo e de impérios asiáticos, mas a ausência de um estado organizador de obras públicas de irrigação, necessárias para a agricultura em larga escala (WITTFOGEL, 1963, p. 630-633). Apesar da falta de grandes obras hidráulicas, diz o autor, aspectos da organização administrativa e burocrática que permitiam aos impérios asiáticos mobilizar e controlar o campesinato em um vastíssimo território estariam presentes. Entedia então que “num número de países localizados na periferia ou nos interstícios do mundo hidráulico, o governo levava a cabo nenhuma ou poucas tarefas hidráulicas, mas muitas funções administrativas não hidráulicas”¹² e que a “Rússia czarista é claramente outra variante deste subtipo não hidráulico”¹³ (WITTFOGEL, 1963, p. 633) que foi influenciada pelos bizantinos, em aspectos culturais, jurídicos e religiosos, e pelos mongóis. O que Wittfogel associa a países em “periferias ou nos interstícios do mundo hidráulico” pode ser entendido à luz dos subsistemas definidos por Abu-Lughod (1987, p. 10), com o *Rus* de Kiev situado justamente nos limites sobrepostos entre os sistemas centro-asiático ocidental e bizantino.

O papel da Igreja Ortodoxa foi múltiplo: além de incentivar a expansão territorial a partir de sua tradição monástica, a manutenção de seu poder político, econômico e de sua tradição religiosa e cultural, salvaguardou uma identidade próxima da Europa e que, através do isolamento proporcionado pelo domínio mongol, tornou-se tipicamente russa, principalmente a partir de suas heranças bizantinas. Além disso, o centro eclesiástico movido para Moscou intensificou o acúmulo de poder na cidade e, mesmo após sua derrota em 1382, foi importante para a manutenção do direito divino da dinastia

¹² “(...) in a number of countries located at the periphery or in the interstices of the hydraulic world, the government carried out few or no hydraulic tasks but many managerial nonhydraulic functions (...)”

¹³ “Tsarist Russia is clearly another variant of this nonhydraulic subtype.”

moscovita e a recuperação da cidade. As designações de *darugi* e *basqaqi* substituíram métodos de governo eslavos menos centralizadores, tais como o *veche*, por modelos típicos mongóis de tributo ao poder central, no caso ao cã, eventualmente substituído pelo grão-príncipe, pela dinastia de Moscou e, no fim, pelo czar (e, quem sabe, pelo secretário-geral do partido comunista da União Soviética).

Em outras palavras: o *veche* foi substituído por outras formas de poder mais centralizadas que, assim como o *iarlyk* concedido aos príncipes, também acelerou o processo de acúmulo de poder em Moscou. O censo, como já foi explicitado, foi adotado pelos príncipes moscovitas e manteve-se como técnica ao longo do período imperial, resultando numa capacidade tributária e de levantamento militar mais eficiente. O *yam*, assim como o censo, também auxiliou na capacidade de ação estatal e, devido à configuração geográfica russa, com cidades muito distantes entre si, foi imprescindível para a centralização política em Moscou e, eventualmente, para a expansão sobre a Sibéria. A manutenção de um império centralizado ao longo de um território tão grande seria extremamente ineficiente sem um sistema de transportes e comunicação adequado, o que era oferecido pelo sistema *yam*.

A junção do conceito de subsistemas do século XIII de Abu-Lughod e a noção de Wittfogel sobre as civilizações nos interstícios entre sociedades hidráulicas e não-hidráulicas, oferece uma valiosa perspectiva teórica para a compreensão da transformação da civilização eslava oriental. As fases de expansões (A) e contrações (B) sistêmicas de Gills e Frank (1992, pp. 661-675) afetaram o *Rus* kievano: sua conexão com o Império Bizantino, da qual proveio sua herança cultural ortodoxa, foi intensa durante a fase A integrativa entre 1050 e 1250, seguida pela ruptura provocada pela invasão mongol e sua eventual decadência ao longo da fase B entre 1250 e 1450. Abu-Lughod (1987, pp. 7-13) demonstra como, ao serem relativamente desconectados do mundo europeu, os territórios e populações que compunham o *Rus* foram rapidamente absorvidos em um sistema asiático que floresceu, enraizou-se na região e, ao longo do século XIV, começou a decair, oferecendo a possibilidade do acúmulo de poder pelos príncipes que foi essencial para a independência alcançada no século XV. É importante lembrar que acontecimentos exteriores foram também importantes para isso, especialmente a competição entre a Horda Dourada e os poloneses, lituanos e os outros canatos centro-asiáticos.

Vários aspectos da estatogênese russa têm origem nas civilizações da Ásia. Diferentemente do que argumentou Chaadayev, de postura ocidentalista (SEGRILLO, 2010, p. 52), estes aspectos estavam longe de serem “bárbaros” ou “atrasados” em relação à Europa. Muito pelo contrário, foram essas heranças asiáticas, legadas pelo domínio mongol, e presentes no precoce sistema de tributação centralizado e da transmissão vertical de poder que tornaram possível o nascimento do Grão-Principado de Moscou e, dele, o Império Russo.

Bibliografia

ABU-LUGHOD, Janet. The shape of the world system in the thirteenth century. **Studies in Comparative International Development**, v. 22, n. 4, 1987, pp. 2-25. DOI: 10.1007%2F02717367.

ALLSEN, Thomas T. Mongol census taking in Rus', 1245-1275. **Harvard Ukrainian Studies**, v. 5, n. 1, 1981, pp. 32-53. Disponível em: <www.jstor.org/stable/41035891>.

ATWOOD, Christopher P. Validation by holiness or sovereignty: religious toleration as political theology in the Mongol World Empire of the thirteenth century. **The International History Review**, v. 26, n. 2, 2004, pp. 237-256. DOI: 10.1080/07075332.2004.9641030.

BENTLEY, Jerry H. Cross-Cultural Interaction and Periodization in World History. **American Historical Review**, v. 101, n. 3, 1996, pp. 749-770. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2169422>>.

_____. Hemispheric Integration, 500-1500 C.E.. **Journal of World History**, v. 9, n. 2, 1998, pp. 237-254. DOI: 10.1353/jwh.2005.0092.

BURBANK, Jane; COOPER, Frederick. **Impérios: uma nova visão da história universal**. São Paulo: Crítica, 2019.

BUSHKOVITCH, Paul. **A Concise History of Russia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

CHRISTIAN, David. Silk roads or steppe roads? The silk roads in world history. **Journal of World History**, v. 11, n. 1, 2000, pp. 1-26. Disponível em: <www.jstor.org/stable/20078816>.

ÇIÇEK, Anil. The legacy of Gengis Khan – The Mongol impact on Russian history, politics, economy and culture. **International Journal of Russian Studies**, v. 15, n. 2, 2016, pp. 94-115.

FRANK, Andre Gunder. A theoretical introduction to 5,000 years of world system history. **Review (Fernand Braudel Center)**, v.13, n. 2, 1990, pp. 155-248. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/40241149>>.

GILLS, Barry K. e FRANK, Andre Gunder. World system cycles, crises and hegemonial shifts, 1700 BC to 1700 AD. **Review (Fernand Braudel Center)**, v. 15, n. 4, 1992, pp. 621-687. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/40241240>>.

GOLDFRANK, Walter L. Paradigm regained? The rules of Wallerstein's world-system method. **Journal of World-Systems Research**, v. 6, n. 2, 2000, pp. 150-195. DOI: 10.5195/jwsr.2000.223.

HOSSEINI, Dustin. The Effects of the Mongol Empire on Russia. **Vestnik**, n. 3, 2005. Disponível em <<https://geohistory.today/mongol-empire-effects-russia/>>

HOSKING, Geoffrey. **Russia and the Russians: a history**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2001.

MARTIN, Janet. **Medieval Russia, 980-1584**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

OSTROWSKI, Donald. **Muscovy and the Mongols: cross-cultural influences on the steppe frontier, 1304-1589**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

SEGRILLO, Angelo. Ocidentalismo, eslavofilismo e eurasianismo: intelectuais e políticos em busca da identidade russa. In: REIS, Daniel A. e ROLLAND, Denis (orgs). **Intelectuais e Modernidades**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp. 51-66.

TURCHIN, Peter. Modeling periodic waves of integration in the Afro-Eurasian world-system. In: MODELSKI, George; DEVEZAS, Tessaleno; THOMPSON, William (orgs). **Globalization as evolutionary process: modeling global change**. New York: Routledge, 2008, pp. 161-189.

WITTFOGEL, Karl A. Russia and the East: a comparison and contrast. **Slavic Review**, v. 22, n. 4, 1963. pp. 627-643. Disponível em: <www.jstor.org/stable/2492560>.